



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



O PREDILECTO

UMA HISTORIA PARA A ROSITA
Por JOÃO C. FERRERI DE CUSMÃO
Desenhos de ADOLFO CASTAÑE

PAULO partira, de manhã cedo, ao soar da mais poética orquestra: os guisos do gado que éle conduzia á pastagem.

A tiracolo o bernal contendo o pão e o queijo, o varapau ao ombro, à guisa de espingarda e, debaixo do braço, o harmonium favorito.

Subiu serra acima, gritando quando alguma cabra se esquivava num valado:—Chó! Ah! Ah! e um assobio prolongado incitava o cão que, de orelhas arrebitadas logo levava a bom caminho a cabra tresmalhada.

Passou numa curva do caminho, fazendo da mão pala contra o sol, que já áquela hora



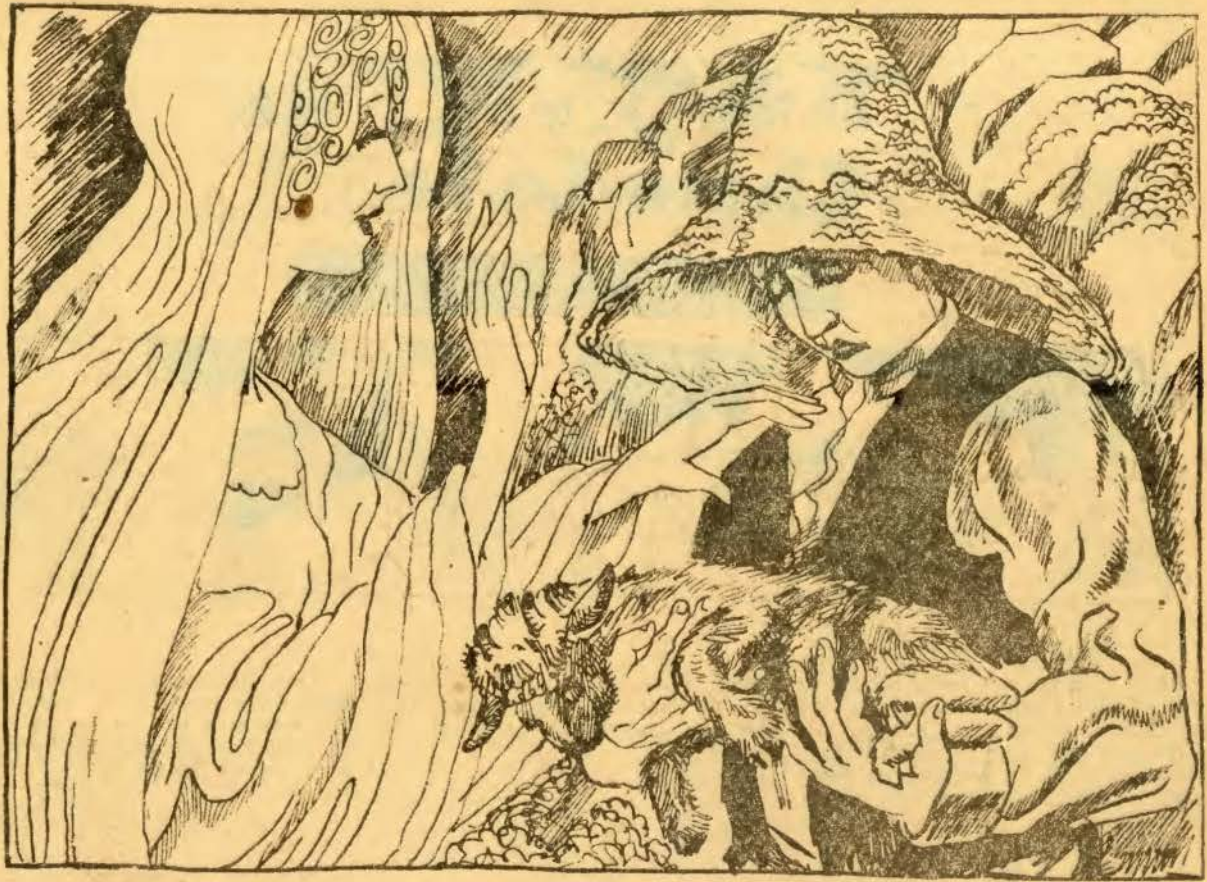
feria a vista, procurando o melhor verde, ou, antes, o melhor sítio para as cabras se banquetearem. Não era longe e éle partiu levando na frente o constante guisallar das cabritas. Paulo olhou o rebanho, como procurando qualquer coisa, e sorriu ao ver, a saltar e ás cabriolas, um cabrito preto, irrequieto que, de quando em vez, balia pela mãe.

Deu uma corrida e, agarrando no cabritito ao colo, dizia-lhe:

—«Então, seu maroto, vocemecê já não gosta de mim?»

—«Mé!»

—«Ah! Já não gosta, pois deixe estar que nunca mais lhe darei do meu pão».



fez um movimento com a mão, e, logo, o cabritito, novamente, olhava, corria e saltava.

Paulo, delirante, queria beijar-lhe as mãos, mas ela, esquivando-se, de novo lhe perguntou:

— «Não pretendes mais nada?»

— «Mais nada; mas, em paga, pede tu agora o que quizeres, porque eu tudo te farei!»

— «Não! Eu não vim aqui por simples capricho, eu vim porque lá no meu reino, o da Fantazia, soube que eras merecedor do meu auxílio, e, por isso, pede, pede tudo o que desejares...»

Paulo sorriu, e, numa voz em que havia medo de pedir, de ser ambicioso, murmurou muito baixinho:

— «Quería que nada faltasse à Rosita, que ela fôsse sempre muito feliz».

— «Mas quem é Rosita?»

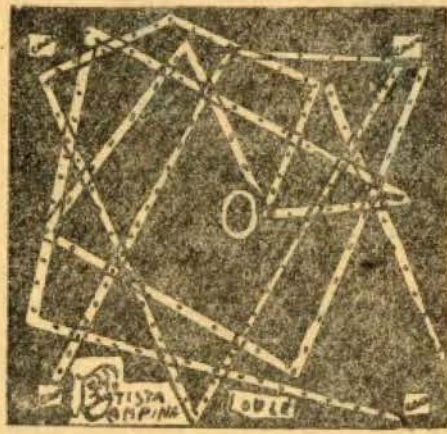
— «É a afilhada da «Morgada do Penedo», uma menina muito bonita, com uns cabelos como os teus, e uns olhos que são como duas estrelas que brilhassem na noite calma...»

Se tu visses...»

— «É para ti nada queres? Só tens pedido para os outros, e eu queria dar-te qualquer coisa. Não queres palácios, criados e dinheiro?»

— «Não! Eu quero o ar, o sol que me queima a pele, a vastidão dos campos. E, à noite, o luar brilhante, e toda a vida; — a felicidade de Rosita que sorri quando eu toco».

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■



Qual o caminho a tomar para que, colhendo em cada nespereira representada por — .) uma nêspera, se obtenham 50 e se encontre uma casa?

L A C J D S V F O L D M R P X I L A Z R D H

P S U C L A C R D X L N

P N L V X K O H Y U I

R U E C Q R Y D S U E O I O D E P L E C H

Traçar no meio desta figura um hexágono, de forma que, prolongados os seus lados, vão cortar letras que, juntas, formam o nome dum grande poeta português.

Batista Campina 1904

Aventuras do Chico-Lata



Chico-Lata era um rapaz entusiasta pela aviação, e todas as suas ambições se resumiam numa: ser aviador.

Quando, por acaso, passava lá pela Parvônia, onde êle vivia, algum aeroplano, ficava-se horas sem fim, pasmado a olhar.

Num desses dias, vinha êle para casa a pensar naquilo, quando viu perto dêle um vendedor de balões que berrava:

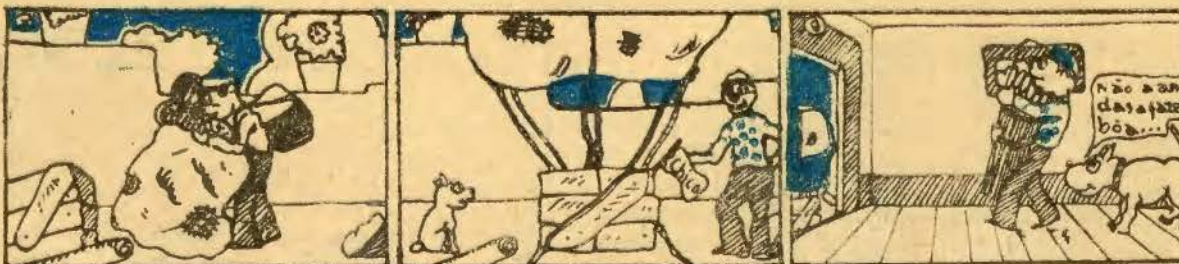
— Quem quer comprar balões?! Quem quer?! Quem quer?!... E logo Chico-Lata teve uma idéia que o fez pular de contente: — Eh, homenzinho vendame os balões todos!



Pois não, meu menino, respondeu o homem muito contente. O pior é que, quando Chico-Lata pegava nos balões,

êstes foram ao ar e, se nto fôsse o vendedor agarrá-lo por um pé, era uma vez um Chico-Lata. Mas que sarilho!... Como havia de levar a sua compra

Nada mais fácil. Ataria uma pedra às costas e pôr-se-ia a andar... E foi o que Chico-Lata fez.



Chegando a casa, foi logo direito ao pátio para a mãe o não ver e pôs mão à obra que ideara pelo caminho, e que era nem mais, nem menos, que construir um dirigível! Caramba! Não era lá qualquer coisa!...

Para isso, começou Chico-Lata por meter os balões dentro de um saco, o qual, depois de ligado por cordas a um caixote, completava a obra. O pior era que Chico-Lata, uma vez no ar, não sabia como havia de fazer andar a caranguejola.

Lembrou-se, então, que seu pai tinha guardado no sótão uma grande quantidade de foguetões que reservava para uma festa daí a dias:—Eu sou o homem das invenções! Murmurava Chico-Lata satisfeito.



Do sótão trouxe um grande móldo de foguetes que meteu dentro da barquinha do improvisado balão, atando três de cada lado do caixote, os quais, depois de acesos, levariam o balão consigo, a uma grande velocidade.

Só faltava embarcar, e Chico-Lata cortou as amarras. Logo o balão se elevou no ar, e Chico-Lata pôs o motor a trabalhar.

Ai que engraçado!... Só queria que vissem... aquilo é que era andar!... Chico-Lata dava pulos de contente. Mas, de repente exclamou:



— E a comida? Com a pressa de voar tinha-se esquecido de a trazer. Que grande sarilho! Era preciso descer em qualquer parte para se fornecer; mas como e aonde? Voava agora sobre o mar.

Já maldizia a sua triste sina, quando avistou, ao longe, uma ilha cheia de árvores, que, com certeza, estavam carregadas de belos frutos. Tratava-se agora de descer. Nada mais fácil, virando os foguetes verticalmente para baixo...

Chico-Lata, num pronto, pousava em terra. — Que belas bananas! Dizia Chico-Lata, fincando os dentes num grande cacho.



Mas nisto, até os cabelos se lhe puzeram em pé! Ouvia-se uma gritaria infernal e apareceram muitos pretos que até faziam arrepiar os mortos.

— Ai que vou ser comido com colarinho e tudo! E deitou a correr o mais que podia enquanto os pretos o perseguiam.

Como levava algum avanço, escondeu-se atrás duns arbustos e dali viu o balão que começou a subir com uma data de pretos — que berravam que até metiam medo às pedras. Fôra o caso que, intrigados com aquilo, os seivâgens remexeram tudo e cortaram as cordas que o prendiam.



— Ai meu rico balãozinho da minha alma! Que será de mim sem êle! Murmurava Chico-Lata inconsolável. Mas, de repente: Truz! Pam! Chico-Lata escorregou por um buraco que parecia não ter fundo. — Ai minha rica mãezinha! Acudam! E Chico-Lata, sentiu, que enfiava por um poço muito estreito, mas que estava cheio de água. — Que diabo é isto?!... Resmungou uma voz perto d'êle. Chico-Lata fazia esforços desesperados para se tirar de dentro da água e, finalmente,

conseguiu-o. — Apre! Estava quasi afogado... Não pôde concluir, porque deu tamanho grito que se ouviu dez léguas em redor. Pudera! Pois não! Na frente d'êle estavam talvez dez animais dos mais ferozes!

(Continua na pag. 8)

FELICIDADE INESPERADA

Por ZEZÉ SANTOS

Desenhos de CASTANÉ



LUIZITO erguera-se, dum salto, na sua desconfortável caminha de tábuas cobertas de farrapos.

Sonhava que a velha bota que, na noite de Natal, iria pôr na chaminé, estava cheia de lindos presentes: um automóvel, um cavalo de pasta, bôlos e

um sem-número de bonecos como aqueles dum menino rico, onde ia vender os jornais todos os dias.

Luiz tinha apenas dez anos; era órfão de pai e mãe e vivia muito pobremente com a avó, uma excelente velhinha que só via no mundo aquele neto.

Luizinho vivia num bairro pobre da cidade onde não havia o luxo e os confortos a que estão habituados os meninos ricos. Tinha uma casa miserável, uns farrapos para se cobrir, um bocado



de pão duro para matar a fome, e nem em dia de festa havia qualquer melhoria neste amargurado viver. Acostumado ao frio, à chuva e à fome, sem um brinquedo que nas horas de amargura lhe desse algum prazer, o pequenito sonhava, dia e noite, com um acontecimento feliz, que viesse transformar-lhe os sofrimentos em uns momentos de alegria.

Véspera de Natal... Nove horas da manhã. A cidade abre as suas portas. Descobrem-se as montanhas; umas repletas de bôlos, outras lindamente ornamentadas com tudo que pode prender a atenção.

As tradicionais árvores de Natal, deslumbram com o seu brilho.

Um vai e vem de gente, na rua apinhada, entra nas lojas para adquirir os brindes, bôlos e «champagne» indispensáveis para as festas do Natal.

Os garotos barafustam, empurram-se e gritam para serem os primeiros a contemplar o pinheiro que se ergue magestoso, cheio de luzinhas e



brinquedos. Há, também, um presépio onde o menino Jesús, recostado nas douradas palhinhas, volve aos miudos, que o olham curiosamente, um olhar risonho em que lhes promete os brinquedos desejados. Entre uns dez miudos vendedores de caute-las e jornais, Luiz, muito sério, com a sacola a tiracolo, olha, cheio de devoção, o Menino Jesus.

Lembra-se dos anos passados, quando tinha a mãezinha viva, que o beijava e sempre lhe dava alguns brinquedos os quais, embora modestos, lhe causavam tanta alegria. Lembra a madrinha que todos os Natais o levava á «matinée» do Coliseu e lhe dava chocolates e bólos, mas a mãe tinha morrido e a madrinha há três anos que partira para o Brazil e nunca mais tinha sabido dela. Abstracto com estas reflexões e invadido por uma profunda e triste recordação do passado, uma lágrima lhe rolou pela carita pálida! Os seus companheiros tinham-se afastado para vêrem as outras montras e Luiz ficára hirtó, de olhar parado, em atitude de estátua.

Aquela quietude numa criança, atraíu as atenções dos transeúntes e mais de um parou para contemplá-lo, esboçando um sorriso e continuando o seu caminho.

Porém, uma senhora bem vestida, pelo braço de um cavalheiro de meia idade, parou, e disse ao marido:

— «Coitadinho dêste petiz! Está a chorar. Talvez tenha fome; vou dar-lhe qualquer cousa.»

Aproximou-se e tocou no braço do miúdo que estremeceu como se fóra despertado dum sonho.

Enquanto a caridosa senhora metia na mão-sita de Luiz alguns cobres, dizia ao companheiro: — «Repara... E' tão bonitinho! Parece mesmo o nosso afilhado.»

— Como te chamas? indagou o cavalheiro.

— Luiz Tavares, respondeu o garoto.

— A tua mãe não se chamava Maria de Jesus? perguntou, com vivacidade, a desconhecida.

— Era sim, minha senhora, conheceu-a?!

— Conheci, sim; não te lembras da tua madrinha?!

Luiz estranhou aquele metal de voz comovida e olhou vivamente para a sua interlocutora. Depois, pegando-lhe na mão, beijou-a e disse quasi a chorar:

— E' a minha madrinha, pois é?

— Sou sim, Luizito; há muito tempo que te procuro, pois, como não tenho filhos, desejava adoptar-te. Felizmente hoje consegui o meu desejo.

E, ao voltar a casa, aquele bom par já vinha acompanhado do futuro filhinho, ainda ostentando a sacola dos jornais. Foram buscar a avó e, no outro dia, dia de Natal, festejavam, todos reunidos e cheios de alegria, a festa da família.

Lá fóra, a chuva miudinha, molhava os passeios das ruas e o vento soprava furiosamente.

Sentado no chão, tendo na sua frente um automóvel, um cavalo de pasta e muitos dos brinquedos que, toda a sua vida, desejara, Luizito contemplava-os cheio de alegria e agradecia ao menino Jesús o milagre que lhe tinha concedido na fria noute de Natal.



Eram leões, tigres, panteras, leopardos, uma serpente enorme, e muitos mais. E, ao lado deles, estava um homem, um latagão que mais parecia um gigante! Tão forte era.

— Quem és tu? Perguntou-lhe ele. Eu... eu... sou... n... e... to...

da... minha... avó; disse o Chico muito encolhido com os olhos fitos nas feras, que já lambiam os beiços. — Ah! Ah! Ah! Não tenhas medo, e conta-me as tuas aventuras. — Eu conto... eu conto, mas prendam esses bichos. Está bem, está bem. E Chico-Lata contou

toda a sua aventura. Com que então querias ser aviador? Mas com certeza a te arrependestes. Descansa que aqui os pretos te não virão buscar. Chico-Lata, mais sossegado pôs-se a procurar o tal poço onde tinha caído que era nem mais nem menos que um grande



pandeão, onde o Camaleão (assim se chamava o dono das feras) preparava as bizagras para as mesmas. Passados poucos instantes, o nosso Chico batia-se com um grande «pratório» de arroz cosinnado pelo Camaleão.

Entrelanto este, contava por sua vez

as suas aventuras. Estava naquela terra havia uns meses porque tentava raptar aos selvagens um seu irmão que tinha sido prisioneiro quando andava a caçar. Para isso domesticara aquelas feras, e conlva atacar os pretos no dia seguinte. Chico-Lata depois de comer até se

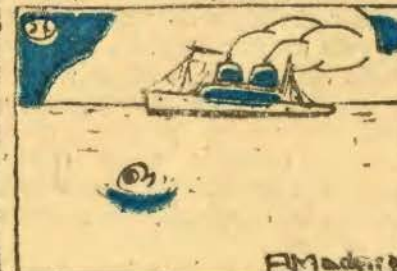
fartar, calçou umas botas grossas que Camaleão lhe emprestara, e seguiu este por um estreito corredor cheio de pedras, que ia dar lá fóra. Quando chegaram Camaleão disse a Chico-Lata: pega esta espingarda e distrai-te, enquanto eu preparo o jantar, mas não te afastes



muito senão arriscas-te a ser comido pelos pretos. Chico-Lata respondeu que sim e tratou logo de ver se caçava qualquer coisa. Mas, de repente, sentiu que o agarravam pelos ombros e o amarravam. Ai que estou perdido! São os selvagens! E parecia-lhe que já sentia os

dentos deles enterrarem-se-lhe na carne. Os pretos levaram-no numa padiola, soltando gritos e mais gritos, que, por pouco, não enronqueciam o pobre Chico. Chegados à aldeia apresentaram-no ao rei. Este pôs-se a mirar e a remirar, e gritou: Patataranga! Luchim! Lu-

chim. O que em linguagem de preto queria dizer, pouco mais ou menos: — Está um pouquinho magro, mas com uns diazitos de engorda, fica aí como um abade. E, a um gesto seu, os negros, levaram o prisioneiro para uma choça cheia de esqueletos, muito chupa-



dos e que, por sinal, cheiravam muito mal.

— Ai minha vida! Choramingava o pobre Chico inconsolável. Ali esteve muitas horas que lhe pareceram séculos.

De repente, ouviu-se uma grande balbúrdia, por entre enormes rugidos.

— Estou salvo! E' o Camaleão que ataca os pretos!...

Em menos de meia hora, as feras deram conta dos selvagens e os que escaparam puxeram cebo nas canelas.

Camaleão tratou logo de libertar os seus companheiros e, passados minutos, abraçavam-se cheios de alegria, e em-

barcavam num vapor que os esperava no outro lado da ilha.

Chico-Lata, assim que se apanhou em casa, nunca mais pensou em aviões. Nada! Já se tinha escaldado.

F I M